

ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NA LITERATURA

Vanessa Rita de Jesus Cruz (UFT)¹

Resumo: Sabemos que a Literatura não se constitui como a única forma de proporcionar prazer e conhecimento, mas os textos literários representam uma possibilidade de, além do deleite, fazer com que os sujeitos questionem discursos produzidos e impostos por uma parcela da sociedade. Este trabalho tem como objetivo pensar algumas questões sobre o modo como o texto literário, ao possibilitar a formação de leitores críticos, representa o outro e qual a contribuição desses textos para a formação do leitor. A Literatura, suas diferentes temáticas e personagens podem ajudar na compreensão das diversas subjetividades; a ficção pode propiciar ao leitor uma melhor compreensão e entendimento da realidade.

Palavras-chave: Literatura; Funções da literatura; Formação de leitores; Representação do outro.

Considerações iniciais

Para uns, a literatura é um perigo e apenas instrui (PLATÃO, 2007), para outros, a literatura proporciona prazer e instrui (ARISTÓTELES, 1988), para outros, ainda, ela é elemento humanizador (CANDIDO, 2004; COSSON, 2011; STEINER, 1988), e é para outros mais, a vida (COMPAGNON, 2009). Ao longo do tempo, a literatura foi recebendo conceitos e funções distintas e, a partir daí, diferentes graus de importância. Antonio Candido (2004) coloca a literatura como um “bem incompressível”, ou seja, como algo que não pode ser negado a nenhuma pessoa. O autor a concebe como uma “necessidade universal”, um direito, afirmando a impossibilidade de existir um homem que possa viver sem ela. Para ele, a literatura é “fator indispensável de humanização” (CANDIDO, 2004, p. 175).

A partir de Compagnon (2009), podemos questionar: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola? (...) Há realmente coisas que só a literatura pode nos oferecer? A literatura é indispensável, ou ela é substituível?” (COMPAGNON, 2009, p. 20). A literatura não é o único meio de proporcionar deleite e conhecimento, mas “é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das

¹ Mestra pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Doutorado em Ensino de Língua e Literatura da UFT. Contato: vanessalinguagens@hotmail.com

regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos” (COSSON, 2011, p. 16).

Para nós, por meio da literatura, é possível a formação de um sujeito crítico, autônomo e humanizado, capaz de reconhecer-se e reconhecer o outro no mundo que o cerca, desde que a ele seja oferecido os meios de a ela chegar-se.

Algumas considerações sobre a literatura, a formação de leitores e a importância do professor no processo formativo do leitor

Em meio aos vários tipos de textos de que a sociedade tem ao seu alcance como meio de comunicação, encontra-se o texto literário; um discurso que reclama um papel social, é permeado de literariedade e plurissignificação. O ato de ler serve como um mediador entre o “eu” e o “mundo” e entre o “eu” e o Outro: “Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente” (TODOROV, 2010, p. 23-24). O texto literário lança, ainda, ao leitor, o desafio de desvendar o mundo que existe condensado em sua tessitura, em que, não raras vezes, se vê obrigado a travar embates com suas próprias crenças, valores e preconceitos etc.

Assim, o ensino de literatura proporciona o desenvolvimento humano, a autonomia intelectual e o pensamento crítico. É elemento essencial para a humanização, como afirma Antonio Candido: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180). Daí o papel social da Literatura.

Por isso, revela-se a necessidade da formação de leitores de literatura. A escola, espaço que pode desenvolver um discurso cultural e político que valorize o ato de ler, deveria dar mais atenção ao estudo do texto literário, em sua plurissignificação, e não somente transmitir ao educando conteúdos sobre épocas e escolas literárias. De acordo com Tzvetan Todorov, “pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo

desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*” (TODOROV, 2010, p. 31 – grifos do autor).

A escola representa, hoje, o espaço privilegiado para o contato entre o leitor e os textos literários. Nesse ambiente, cabe ressaltar o papel essencial pelo qual o professor é responsável: desenvolver nos alunos a competência comunicativa, a sensibilidade para o texto literário. As estratégias e os métodos utilizados em sala de aula, tais como resumos, fichas de leitura, questionários, provas, fragmentação de obras, de que o professor, às vezes, se serve com outras finalidades, pode não incentivar os educandos à leitura literária. Com isso, o ensino de literatura exige do professor constante reflexão sobre sua prática.

Em se tratando de texto literário, que abusa dos pressupostos e subentendidos, faz-se necessária a adequada participação do docente para ajudar o aluno a descobrir quais leituras são possíveis e quais não são, tendo em vista que um texto pode permitir muitas leituras, mas não todas. É importante que a intermediação do professor possibilite ao estudante lançar mão dos recursos disponíveis para ler a obra e não o contrário, como explica Todorov:

ao ensinar uma disciplina, a ênfase deve recair sobre a disciplina em si ou sobre seu objeto? E, portanto, em nosso caso: devemos estudar, em primeiro lugar, os métodos de análise, ilustrados com a ajuda de diversas obras? Ou estudarmos obras consideradas como essenciais, utilizando os mais variados métodos? (...) Ora, essa mesma escolha se apresenta para a literatura; e a orientação atual desse ensino, tal como ela se reflete nos programas, vai toda no sentido do “estudo da disciplina”, ao passo que poderíamos ter preferido nos orientar para o “estudo do objeto” (TODOROV, 2010, p. 27-28).

Ressaltamos que a intermediação realizada pelo professor não pode impedir a liberdade do aluno em todas as fases da leitura, tendo em vista que ela é fundamental. Há de se considerar, também, a livre escolha no processo de leitura literária.

Para alcançar os objetivos pretendidos é importante, a princípio, que o professor tenha a preocupação e o cuidado com a seleção – o aluno pode e deve participar desse processo –, a organização e o tratamento dos textos: “Se o objetivo é, pois, motivar para a leitura literária e criar um saber sobre a literatura, é preciso considerar a natureza dos textos e propor atividades que não sejam arbitrárias a essa mesma natureza” (BRASIL,

2006, p. 71-72). Ele precisa, ainda, adequar os textos às diferentes etapas do desenvolvimento infantil e juvenil, considerando suas especificidades e o grau de leitura dos educandos.

Leitura e atividades reprodutoras, que “pregam” a passividade, a normatização e a permanência do *status quo* não farão com que os educandos sejam autônomos, ativos e críticos. No mais, é importante que o leitor tenha um relacionamento mais profundo e frutífero com o texto.

Conforme pesquisa realizada em dissertação (CRUZ, 2011), nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX era comum que se utilizasse o texto literário para a realização de atividades gramaticais, prática que foi substituída por atividades simplificadas de análise literária, com perguntas sobre personagens, tempo e espaço do texto. Considerando-se algumas alterações, ainda hoje essa prática é encontrada nas nossas escolas. Em outros casos, os próprios livros infantis trazem sugestões de atividades e quando não as apresentam, os professores as solicitam. A leitura escolar acaba sendo padronizada: são as mesmas sugestões de atividades para todas as salas de todas as escolas que adotam o mesmo livro. Algumas dessas propostas de atividades sugerem criatividade e inovação, mas na realidade acabam por tratar o ato de leitura de forma superficial.

Não estamos defendendo que o uso de tais encartes e sugestões de atividades seja descartado ou que eles são ruins. Queremos, sim, mostrar que eles podem, dependendo do que veiculam, servir para alienar professores – que não mais terão a responsabilidade de planejar suas aulas de leitura – e educandos, patrocinando ideologias que não vão ao encontro da emancipação do leitor.

O professor não pode ser direcionado por roteiros feitos por terceiros. Ele pode selecionar aquelas atividades – dentre as possíveis e permitidas – que acredita serem mais adequadas para seus alunos, pode descartar as que não interessarem, pode reformular outras. Tudo isso considerando as peculiaridades e as necessidades de seus alunos, e a partir daquilo que sabe sobre literatura, leitura e ensino.

Para além dessa sistematização mediada pelo professor, devemos considerar no processo de leitura literária e de formação de leitores, sobretudo no ambiente escolar, a motivação pessoal, a livre escolha e os interesses particulares de cada aluno, cabendo ao professor, a partir das obras, discutir e problematizar questões diversas inerentes ao ser

humano. Sabemos que a sistematização da leitura, mediada por diferentes metodologias, às vezes, pode afastar o leitor, mas ela ainda se faz necessária para que o aluno aprenda a sistematizar seus conhecimentos acerca do que está lendo.

Esperamos que, ao tomar a palavra, o leitor possa romper com o dito e transgredir-lo como discurso institucionalizado e cheio de “verdades” do poder dominante. Assim, ele será capaz de ousar falar por si mesmo, de pensar e repensar o discurso que se dá como pronto e como correto.

Todo esse processo de leitura transforma o leitor em um ser ativo, que pensa e repensa, questiona e transforma o que está ali no texto e a si mesmo.

Vivemos em uma sociedade marcada pela diversidade. As diferentes polarizações, a rigidez dos conceitos e suas dissoluções acabam por expor as fissuras de nossa sociedade. Fala-se da liberdade de escolhas, mas sabemos que nem todas as opções, identidades, opiniões e desejos são respeitados e aceitos. As contradições e os paradoxos experimentados e perpetuados dia a dia põem em xeque conceitos arraigados, sobretudo os referentes às identidades em constante devir. Acreditamos que uma das formas de questionar essas contradições e paradoxos pode se dar por meio da literatura.

Nesse contexto, é salutar que questionemos de que maneira a literatura infantil e juvenil se constrói como arte e qual o seu papel na formação de crianças e de jovens leitores: “Na dinâmica do tempo atual, era da liquidez, da simultaneidade e do imediatismo, o livro oferece ao leitor uma possibilidade criativa de construção da subjetividade na formação de valores mais permanentes e sólidos” (TURCHI, 2008, p. 214).

Diversas obras proporcionam conhecimento e formação de valores aos leitores, além de representarem protestos contra o poder dominante, aumentar a sua capacidade de argumentar, ser mais responsável, ir à luta contra as injustiças e colocar-se no lugar do outro. Os leitores podem identificar-se com as personagens, podem aderir às suas causas, podem discutir os valores transmitidos pelo texto. Tudo isso é essencial no processo de formação do sujeito, que se inicia na infância. Segundo Maria Zaira Turchi (2008), a obra literária, enquanto “patrimônio cultural humano”, deve persistir na sua função formativa, contribuindo para a humanização do homem.

A função formativa da literatura não deixa de ser um aspecto inerente ao texto literário. Quando da sua origem, a literatura infantil possuía uma função moralizante, de

teor apenas pedagógico. A intenção do autor era inculcar valores e ensinar comportamentos tidos como certos. O sentido que estamos atribuindo à literatura diz respeito ao seu papel de humanizar o leitor e problematizar questões presentes em nosso dia a dia; não é simplesmente transferir e inculcar valores sociais e morais, mas levar o leitor à reflexão, ao rompimento com as “verdades” estabelecidas pelo poder dominante. Tanto Candido (2004) quanto Steiner (1988), aos quais nos referimos neste trabalho, propõem uma literatura que se difere daquela estritamente pedagógica.

Como arte que provoca sentimentos e atitudes, mas que também é capaz de reforçá-los e atenuá-los, a literatura pode transformá-los, ou seja, pode construir, disseminar e transformar valores, atitudes e comportamentos.

Cabe a todos nós um papel ativo, colaborando para que a relação da literatura com a escola não termine por sufocar a autonomia dos professores e dos leitores e não torne a leitura uma prática alienada, não permitindo que a ideologia do “mais forte” esmague a diversidade (de pensamento, gênero, sexual, etnia...) tão presente na nossa sociedade.

É importante que a escola deixe de ser um espaço reprodutor para se transformar em um espaço libertador, que leve os educandos ao conhecimento e ao acesso aos bens culturais; os professores necessitam de uma formação mais abrangente e continuada, que lhes possibilite uma maior compreensão do que preveem os documentos educacionais e que os auxilie a colocar as diretrizes desses documentos em prática, não postulando somente os seus valores e ideologias à frente dos interesses dos alunos e do exercício de sua cidadania; os alunos precisam ter acesso à literatura; os autores devem ter cuidado com os valores e as ideologias que disseminam e perpetuam em suas obras. É salutar que a escrita desses autores seja pautada pela ética; o mercado editorial também deve ser mais ético, patrocinando obras que se preocupem com as diversidades presentes em nossa sociedade.

Alguns questionam se haverá, nesse mundo tecnológico e informatizado, lugar para a literatura infantil – ou para a literatura de um modo geral. Alguns dirão que não há. Tomando de empréstimo a esperançosa frase de Nelly Novaes Coelho (2000, p. 15): “Estamos com aqueles que dizem: Sim”. Acreditamos que a literatura não interromperá um de seus papéis, qual seja, o de formar crianças e jovens leitores, seja na leitura solitária, seja na leitura partilhada no ambiente escolar, para uma consciência autônoma, crítica e ativa.

Assim, tendo a literatura uma função também social e humanizadora, é natural que os textos literários representem conflitos sociais, daí ser importante que o escritor e, também, o professor tenham a consciência de verificar quais os conflitos e que sujeitos estão sendo representados nesses textos, que tipo de formação esses textos têm oferecido para que o leitor seja crítico e autônomo.

Considerações finais

O texto literário permite que se trabalhe a transversalidade e a interdisciplinaridade, trazendo à cena aspectos culturais e sociais da realidade. O que a sociedade prega como “correto” foi constituído culturalmente, ao longo dos séculos. Essa representação que se faz do outro se dá considerando fatos culturais, sociais e históricos, portanto, a desconstrução de estereótipos também pode se dá por meio do social e do cultural. Assim, o texto literário, rico em plurissignificação e em construção de sentidos, ao abordar determinadas temáticas, pode ajudar a desconstruir (pré)conceitos construídos por uma sociedade patriarcal, heterossexual e branca, que inclui certas identidades e exclui outras.

A representação que o texto literário faz do outro pode auxiliar na desconstrução ou perpetuação do preconceito e das definições já enraizadas na sociedade, permite-nos questionar padrões vigentes de modelos fixos de identidade, abrindo espaço para que o leitor, de forma crítica, perceba as ideologias e o envolvimento do social, do histórico e do cultural na elaboração do sentido e dos valores criados e transmitidos no texto.

Se o texto literário permite uma abordagem interdisciplinar é possível, sim, a formação do leitor crítico para a diversidade, desde que a ele sejam dados os meios de dialogar com o texto literário e com esse outro instaurado no discurso. Mas obras que tratam essa temática nem sempre chegam à escola e às salas de aula.

Quando o professor discute com seus alunos uma narrativa literária que aborda questões não somente heterossexuais – na maioria das vezes privilegiando o homem, o branco, o cristão – ele abre espaço para a diversidade, para o diálogo com outras identidades, permitindo que os sujeitos leitores conheçam, questionem e reflitam a respeito do outro.

A literatura, como forma de conhecimento, é um meio de se adquirir “noções, emoções, sugestões, inculcamentos” (CANDIDO, 2004, p. 179), porém é também um meio de contestar “verdades” e discursos proferidos por quem detém o poder. Para concluir, gostaríamos de pontuar que é importante, na construção do texto literário, não somente o conteúdo, mas também a estética, o fazer poético, o gosto. A literatura tem várias funções e pode agir de modos diversos na transformação do homem.

Referências

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1988.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Conhecimentos de Literatura*. Brasília: MEC, 2006.

CAMARGO, Flávio Pereira; CRUZ, Vanessa Rita de Jesus. Letramento literário e a formação do leitor crítico para a diversidade sexual. *In: CARDOSO, João Batista (org.). Olhares críticos sobre a Literatura na prática docente*. Goiânia: Gráfica e Editora América/Ed. Ifiteg, 2012. p. 135-151.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2011.

CRUZ, Vanessa Rita de Jesus. *Ensino de literatura infantil e juvenil e diversidade sexual: perspectivas e desafios para a formação de leitores na contemporaneidade*. 163f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2011.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

STEINER, George. Alfabetização humanista. In: _____. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Tradução de Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 21-29.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TURCHI, Maria Zaira. Uma aposta na esperança: ética e valores na constituição do sujeito. In: CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto (Organizadores). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008. p. 211-223.